

Rachel Kushner

Duas vezes finalista do National Book Award

O Quarto de Marte



«O melhor livro de Kushner. Mais um enorme passo em frente.»

[Jonathan Franzen, *The Guardian*]

RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

The Mars Room, © 2018 by Rachel Kushner

Título: O Quarto de Marte
Título original: *The Mars Room* (2018)
Autora: Rachel Kushner
Tradução: José Miguel Silva
Revisão de texto: Inês Dias
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre *Amanda in the Mirror* (Berlim, 1992), de Nan Goldin

© Relógio D'Água Editores, maio de 2018

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-559-4

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europress, Lda.
Depósito Legal n.º 441031/18

Rachel Kushner

O Quarto de Marte

Tradução de
José Miguel Silva

Ficções

Sinto o ar de outro planeta.
Rostos amistosos que estavam virados para mim,
mas que hoje se desvanecem nas trevas.

I

1

A Noite das Grilhetas ocorre uma vez por semana, às quintas-feiras. Uma vez por semana tem lugar o momento decisivo para sessenta mulheres. Para algumas esse momento decisivo está sempre a repetir-se. Para essas é algo de rotineiro. Comigo só aconteceu uma vez. Fui acordada às duas da manhã, algemada e contada, Romy Leslie Hall, reclusa W314159, e alinhada com as outras para uma longa viagem noturna vale acima.

Enquanto o nosso autocarro deixava o perímetro da penitenciária, eu coleí-me à janela reforçada a malha de aço para tentar ver o mundo. Não havia muito que ver, túneis e acessos de autoestrada, avenidas escuras e desertas. Não havia ninguém na rua. Atravessávamos um momento da noite tão remoto que os semáforos tinham deixado de passar do verde ao vermelho e se limitavam a piscar no amarelo. Um carro aproximou-se de nós. Vinha com os faróis desligados. Passou rapidamente pelo nosso autocarro, uma coisa escura, carregada de energia demoníaca. Havia uma rapariga da minha unidade na prisão municipal que apanhou uma pena perpétua só por conduzir. Não tinha sido ela a disparar, dizia a quem a quisesse ouvir. Não tinha sido ela. Tudo o que fizera fora conduzir o carro. Só isso. A polícia usou uma tecnologia de leitura de matrículas. Apanharam-nos através de câmaras de vigilância. O que a polícia tinha era uma imagem do carro, de noite, a percorrer uma rua, primeiro com as luzes ligadas, depois sem luzes. Se o condutor desliga as luzes, é premeditação. Se o condutor desliga as luzes, é homicídio.

Havia um motivo, vários motivos, para eles nos estarem a transferir àquela hora. Se pudessem disparar-nos para a prisão numa cápsula espacial, tê-lo-iam feito. Fariam tudo para protegerem as pessoas normais de um espetáculo como nós, um grupo de mulheres algemadas e acorrentadas num autocarro do departamento policial.

Algumas das mais jovens choravam e fungavam enquanto metíamos pela autoestrada. Dentro duma jaula seguia uma rapariga que parecia grávida de oito meses, com a barriga tão grande que tinham tido de arranjar um troço de corrente maior para lhe algemarem as mãos dos lados. A rapariga soluçava e estremecia, o rosto desfigurado pelas lágrimas. Tinham-na colocado na jaula por causa da sua idade, para a protegerem de nós. Ela tinha quinze anos.

Uma mulher sentada na parte da frente virou-se para a rapariga em lágrimas na jaula e bufou como se estivesse a pulverizar mata-formigas. Como isso não teve resultado, gritou-lhe.

“Cala a boca!”

“Porra”, disse a pessoa que estava à minha frente. Eu sou de São Francisco, e portanto um transexual não é novidade para mim, mas aquela pessoa parecia mesmo um homem. Ombros tão largos como a coxia, e uma estreita barba ao longo da mandíbula. Presumi que viesse do “tanque das lésbicas”, onde eles punham as machonas. Era o Conan, que mais tarde vim a conhecer. “Porra, é só uma miúda. É deixá-la chorar.”

A mulher disse ao Conan para se calar e começou uma discussão entre elas, até que os guardas acabaram por intervir.

Na prisão, certas mulheres estabelecem regras para toda a gente, e a mulher que exigia silêncio era uma delas. Se seguirmos as suas regras, elas criam outras. Temos de guerrear com as outras, caso contrário acabamos sem nada.

Eu já tinha aprendido a não chorar. Dois anos antes, quando fui detida, chorara descontroladamente. A minha vida estava acabada e eu sabia-o. Era a minha primeira noite na cadeia, e continuava a esperar acordar daquilo como de um pesadelo. Mas continuava a acordar para o mesmo de sempre: um colchão a cheirar a mijo, portas a bater, alertas e gritos de lunática. A rapariga que partilhava a minha cela, e que não era lunática, abanou-me bruscamente para atrair a minha atenção. Eu ergui os olhos. Ela voltou-se e levantou a sua camisa de

prisioneiro para me mostrar a tatuagem nas costas, a sua marca de vadia. A tatuagem dizia:

Cala a Boca Caralho

Funcionou comigo. Parei de chorar.

Foi um gesto de simpatia por parte da minha companheira de cela. Quis ajudar-me. Não é qualquer um que pode calar-se, e embora tentasse, eu não era a minha colega de cela, que mais tarde vim a considerar uma espécie de santa. Não por causa da tatuagem, mas pela lealdade ao mandato. Que não tinha que ver com sacrifício ou estoicismo. Não tinha que ver com cumprir a nossa pena sem choro nem queixumes. Mas com manter a dignidade numa jaula. Mantê-la bem presa e dominada. Ser uma pessoa, independentemente de tudo. Ainda acredito nisto.



Os guardas tinham-me sentado ao lado de outra mulher branca no autocarro. A maioria das outras eram negras ou latinas. A minha companheira de banco tinha uma longa e brilhante cabeleira castanha e um sorriso largo e sinistro, como se estivesse num anúncio a pasta branqueadora. Pouca gente na prisão tem os dentes brancos, e aquela mulher não era exceção, mas tinha aquele sorriso, tão magnífico quanto descabido. Não gostei dele. Dava-lhe o ar de alguém a quem tivessem removido parte do cérebro. Ela disse-me o seu nome completo, Laura Lipp, e contou que estava a ser transferida de Chino para Stanville, como se nós as duas não tivéssemos nada a esconder. Desde então, nunca mais ninguém se me apresentou com o nome completo, nem procurou fazer uma descrição aparentemente credível de si própria num primeiro encontro. E ninguém o faria jamais, a começar por mim mesma.

“Lipp, com dois pés, é o nome do meu padrasto, que eu adotei mais tarde”, disse ela, como se eu lhe tivesse perguntado. Como se aquilo pudesse ter importância para mim, na altura ou alguma vez.

“O meu verdadeiro pai era um Culpepper. Refiro-me aos Culpeppers de Apple Valley, não os de Victorville. Há uma sapataria Culpepper em Victorville, mas não têm nada a ver connosco.”

É proibido falar no autocarro. Mas isso não a impedia.

“A minha família vive há três gerações em Apple Valley. Que pelo nome parece um sítio maravilhoso, não é? Quase se consegue cheirar as flores de macieira e ouvir as abelhas, e uma pessoa pensa em sidra fresca e tarte de maçã quente. Na Craft Cubby começam a pendurar as decorações de outono logo em julho, folhas coloridas e abóboras de plástico: o que há de mais tradicional em Apple Valley é a preparação de metanfetaminas. Não na minha família. Não quero que fiques com uma ideia errada. Os Culpeppers são pessoas capazes. O meu pai tinha uma empresa de construção civil. Ao contrário da família do meu marido, que — Oh! Olha! É a Magic Mountain!”

Estávamos a passar pelos arcos brancos de uma montanha-russa, que se erguia no ponto mais extremo da autoestrada de inúmeras faixas.

Quando me mudei para Los Angeles, três anos antes, aquele parque de diversões pareceu-me a porta de entrada para uma vida nova. Era a primeira coisa que se via da autoestrada na direção sul, colorida e feia e empolgante, mas isso já não tinha importância.

“Na minha unidade estava uma senhora que raptava crianças na Magic Mountain”, disse a Laura Lipp, “ela e o tarado do marido.”

Ela tinha um jeito de sacudir a chapa brilhante da sua cabeleira sem usar os braços, como se o cabelo estivesse preso ao resto do seu corpo por uma corrente elétrica.

“Ela contou-me como faziam. As pessoas confiavam nela e no marido porque eles eram velhotes. Sabes como é, velhotes simpáticos, e uma mãe podia ter os filhos a fugirem em três direções diferentes e correr para agarrar um, e a velhota — estive com ela na CIW¹ e ela contou-me tudo — estava sentada a fazer malha e oferecia-se para deitar o olho a uma das crianças. Assim que a mãe se afastava, a criança era escoltada até uma casa de banho, com uma faca encostada ao pescoço. A velhota e o marido tinham aperfeiçoado um método. Punham uma peruca na criança, vestiam-na com outras roupas, e depois levavam-na sorratamente para fora do parque.”

“Que horror”, disse eu, e tentei afastar-me dela tanto quanto as correntes mo permitiam.

Eu tenho um filho, chama-se Jackson.

Adoro o meu filho, mas é duro para mim pensar nele. Procuo não o fazer.

A minha mãe deu-me o nome de uma atriz alemã que disse a um assaltante de bancos, num programa de televisão, que gostava muito dele.

Muito, disse a atriz, gosto muito de si.

Tal como a atriz alemã, o assaltante estava no programa para ser entrevistado. Regra geral, os entrevistados não falavam entre eles quando estavam nas suas cadeiras, à esquerda da secretária do entrevistador. Iam avançando para esta à medida que o programa prosseguia.

Começas *de fora para dentro*, disse-me uma vez um palerma a respeito de talheres de prata. Não era algo que eu tivesse aprendido, ou que me tivessem ensinado. Ele estava a pagar-me para um encontro, e achou que não tiraria todo o partido da sua despesa se não conseguisse arranjar maneira de me rebaixar durante o serão. Ao deixar o seu quarto de hotel nessa noite, peguei num saco de compras que estava junto à porta. Ele não reparou, calculou que podia deixar a vigilância do rebaixamento para se refastelar naquela cama de hotel. O saco era da Saks Fifth Avenue e continha vários outros sacos, todos com presentes para uma mulher, para a esposa dele, presumi. Roupas feias e deselegantes, que eu jamais vestiria. Mesmo assim, atravessei o átrio com o saco e deitei-o num caixote do lixo a caminho do meu carro, que deixara estacionado a vários quarteirões, numa garagem em Mission, porque não queria que aquele tipo soubesse nada a meu respeito.

Na cadeira exterior, no estúdio de televisão, estava o assaltante de bancos, que viera ali para falar do seu passado, e a atriz de te-

levisão, sentada ao seu lado, virou-se para o assaltante e disse que gostava dele.

A minha mãe deu-me o nome dessa atriz alemã, que falou com o assaltante em vez de com o entrevistador.

Penso que o tipo gostou que eu lhe tivesse roubado o saco. Depois disso quis ver-me regularmente. Ele buscava a experiência duma namorada, e muitas mulheres que eu conhecia viam nisso o padrão-ouro: aqueles homens eram capazes de pagar, logo de entrada, o equivalente a um ano de renda; só precisávamos de arranjar um deles, e estávamos arrumadas. Eu tinha ido àquele encontro porque a minha velha amiga Eva me convencera. Às vezes o que os outros desejam é desejável, por breves instantes, até se dissolver em face dos teus próprios desejos. Nessa noite, enquanto aquele bota de elástico de Silicon Valley pretendia que havia entre nós uma cumplicidade de amantes, o que significava tratar-me como lixo, dizendo-me que eu era bonita, mas de uma beleza “banal”, usando o seu dinheiro para tentar ter poder sobre mim socialmente, do tipo: aquilo era uma relação, mas como era ele a pagar tínhamos de interagir nos termos dele, e ele podia dizer-me o que quisesse — como caminhar, que prato escolher, que garfo usar, como fingir ter gostado. Compreendi que a experiência da namorada não era para mim. Continuaría a sacar o meu ordenado como dançarina no Quarto de Marte na Market Street. Não queria saber de trabalho honesto, só queria saber do que não me repugnava. A *lap dance* tinha-me ensinado que rolar as ancas era mais fácil do que falar. Toda a gente é diferente quando se trata de padrões individuais e do que estes podem oferecer. Eu não consigo fingir-me amiga de alguém. Nunca quis que ninguém me conhecesse, embora tenha dado migalhas de biografia a dois ou três tipos. O Jimmy Barbudo, o porteiro, que só exigia que eu fizesse de conta que o seu sentido de humor sádico era normal. E o Dart, o gerente noturno, porque gostávamos ambos de carros clássicos e ele estava sempre a dizer que queria levar-me às Hot August Nights, a exposição de clássicos em Reno. Estava só a entrar comigo, além de que não passava de um gerente noturno. As Hot August Nights não eram o meu tipo de evento auto-

móvel. Ia com o Jimmy Darling ao Grande Prémio de Sonoma, onde comíamos cachorros-quentes e bebíamos finos, enquanto os carros de corrida enchiam de lama a rede de proteção.

Algumas raparigas do Quarto de Marte preferiam clientes regulares e estavam sempre à procura de os conquistar. Eu não, mas mesmo assim acabei por ter um, o Kurt Kennedy. O Asqueroso Kennedy.



Às vezes penso que São Francisco está amaldiçoada. No geral, penso que é uma cidade triste e merdosa. As pessoas dizem que é bonita, mas a beleza de São Francisco só é visível para os recém-chegados, nunca para os que tiveram de crescer lá. Gosto dos vislumbres azuis da baía assomando entre as casas na rua que envolve as traseiras do parque de Buena Vista. Mais tarde, da prisão, pude ver essa paisagem como se eu fosse um fantasma a passear pela cidade. Casa a casa, eu olhava tudo o que havia para ver, encostava a cara aos portões gradeados das moradias vitorianas ao longo da ladeira leste do parque de Buena Vista, o azul da água suavizado por um leve resíduo de névoa, um beijo de humidade, um clarão. Eu não admirava essas vistas quando era livre. Na minha juventude, esse parque era o local onde íamos para beber. Onde homens mais velhos iam para o engate e rastejavam furtivamente para colchões escondidos sob os arbustos. Onde uns rapazes meus conhecidos espancavam os homens que andavam no engate, tendo atirado um de um penhasco, depois de eles ter comprado uma grade de cerveja.

No cruzamento da Moraga com a Décima Avenida, onde eu vivia com a minha mãe em criança, podia-se ver o parque Golden Gate, depois o Presídio, os pontos vermelho-mate da ponte Golden Gate, e por detrás desta as íngremes e rugosas ondulações de Marin Headlands. Eu sabia que o resto do mundo via a ponte Golden Gate como algo de especial, mas para mim e para os meus amigos não era nada. Nós só queríamos era desbundar. Para nós a cidade resumia-se a dedos frios de névoa abrindo caminho por entre as nossas roupas, sempre aqueles dedos frios, e grandes ameaças de bruma húmida precipitando-se pela Judah Street abaixo, enquanto eu esperava junto aos arenosos carris da linha N, que durante a noite passava de hora a hora, esperava e

esperava, com as bainhas das calças de ganga debruadas a lama, lama das poças do parque de estacionamento de Ocean Beach. Ou lama de subir Acid Mountain sob o efeito de ácidos, que era para isso que servia Acid Mountain. A sensação desagradável de um peso extra a puxar-me para baixo, causada pela lama na bainha das calças. A sensação desagradável de consumir coca com estranhos num motel de Colma, junto ao cemitério. A cidade era pés molhados e cigarros húmidos numa festa de cerveja à chuva no Grove. A chuva, a cerveja e as lutas sangrentas no dia de S. Patrício. Vomitar uma bebedeira de Bacardi 151 e abrir o queixo contra uma barreira de cimento em Minipark. Alguém a ter uma *overdose* num quarto dos bairros sociais brancos na Great Highway. Alguém a apontar-me à cabeça uma arma carregada, sem motivo algum, em Big Rec, onde as pessoas jogam beisebol no parque. Foi de noite, e aquele psicopata colou-se a nós enquanto estávamos sentados a beber as nossas litradas, uma situação tão comum, mesmo que nunca mais me tenha voltado a acontecer, que nem me lembro como se resolveu. Para mim, São Francisco era os McGoldricks e os McKittricks, os Boyles e os O’Boils, os Hicks e os Hickeys mailas suas tatuagens com *Irlanda Sempre*, as lutas que provocavam e venciam.

O nosso autocarro passou para a faixa da direita e começou a abrandar. Tomámos a saída da Magic Mountain.

“Vão levar-nos a dar uma voltinha na montanha-russa?”, perguntou o Conan. “Era brutal.”

A Magic Mountain ficava à esquerda, do outro lado da autoestrada. À direita ficava a penitenciária masculina do condado. O nosso autocarro virou à direita.

O mundo tinha-se dividido em bom e mau, bem coladinhos. Parque de diversões e cadeia municipal.

“É fixe”, disse o Conan. “Nunca me deu para isso. Os bilhetes eram caros como fogo. Preferia voltar para a grande O. Or-lan-do.”

“Ouve-me esta marada”, disse alguém. “Tu nunca ’tiveste em Orlando nenhum.”

“Estourei lá vinte mil”, disse o Conan. “Em três dias. Levei a minha miúda. Os filhos dela. Suíte com jacúzi. Livre-trânsito para tudo.

Bifes de aligátor. Orlando é do melhor. Muito melhor que este auto-carro, disse podes ter a certeza.”

“Pensaste que te iam levar para a Magic Mountain”, disse a mulher à frente de Conan. “Estúpida do caralho.” Tinha a cara cheia de tatuagens.

“Porra, tens aí bué de tinta. Olhando aqui para o nosso grupo, voto em ti como A Maior Candidata ao Sucesso.”

Deu uma casquinada e virou costas.



O que compreendi mais tarde acerca de São Francisco foi que eu estava imersa em beleza mas não a conseguia ver. Ainda assim, nunca me convenci a sair de lá, pelo menos até o Kurt Kennedy, o meu cliente regular, me ter obrigado a isso, mas a maldição da cidade veio atrás de mim.

